

Rhodes admite redução da dívida

JOSÉ MEIRELLES PASSOS
Correspondente

WASHINGTON — Os banqueiros privados já aceitam a idéia de uma redução da dívida externa dos países em desenvolvimento, mas são contrários à criação de uma agência internacional para comprar — e negociar no mercado — uma boa parte das promissórias devidas aos bancos. Eles preferem que uma solução para o problema surja aos poucos, e seja a longo prazo.

— Esperamos que a situação da dívida e a maneira de tratá-la continue a nascer evolucionários, mas não re-

volucionários — resumiu o banqueiro William Rhodes, do Citicorp, ontem de manhã, no Congresso americano.

Rhodes depôs perante a Comissão de Bancos e Finanças da Câmara dos Deputados, que começou a discutir ontem uma saída para a crise da dívida — e hoje ouvirá outros banqueiros, inclusive o ex-Ministro da Fazenda Luiz Carlos Bresser Pereira.

Na mesma audiência, o prestigiado economista Fred Bergsten, Diretor do Institute for International Economics, de Washington, advertiu que não se pode esperar muito mais para se adotar um esquema que alivie o

peso da dívida, sob o risco de vir a explodir, a curto prazo, uma crise que acabaria afetando a saúde financeira dos Estados Unidos. Isso poderia ocorrer, segundo ele, devido à queda do dólar no mercado internacional.

Bergsten solicitou aos parlamentares que, ao proporem uma nova política econômica ao Presidente eleito, George Bush, considerem um apoio dos Estados Unidos a pelo menos duas propostas que, segundo seus cálculos, permitiriam uma redução de até US\$ 50 bilhões no estoque da dívida externa do Terceiro Mundo.

— O Banco Mundial deveria usar

sua autoridade para garantir bônus (**exit bonds**) emitidos pelos devedores que realizarem efetivos programas de ajustes. Os bônus seriam entregues aos bancos em troca dos atuais títulos da dívida, mediante um desconto significativo. Além disso, o Japão e outros grandes credores deveriam ser encorajados a fornecer somas substanciais (US\$ 10 bilhões ou mais) aos devedores que tenham adotado políticas de ajuste. Esse dinheiro, que poderia ser canalizado através do Banco Mundial, seria utilizado pelos países para comprar de volta os títulos de sua dívida com um bom desconto — sugeriu Bergsten.